



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA DA LUZ DOS SANTOS CUNHA

BULLYING: POR QUE NÃO SOMOS TODOS IGUAIS DENTRO DA ESCOLA?

**GUARABIRA/PB
2019**

MARIA DA LUZ DOS SANTOS CUNHA

BULLYING: POR QUE NÃO SOMOS TODOS IGUAIS DENTRO DA ESCOLA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Francinete Fernandes de Sousa.

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C972b Cunha, Maria da Luz dos Santos.
Bullying [manuscrito] : por que não somos todos iguais dentro da escola? / Maria da Luz dos Santos Cunha. - 2019.
58 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Francinete Fernandes de Sousa, Departamento de Educação - CH."
1. Bullying. 2. Escola. 3. Estudante. 4. Violência. I. Título
21. ed. CDD 371.58

MARIA DA LUZ DOS SANTOS CUNHA

BULLYING: POR QUE NÃO SOMOS TODOS IGUAIS DENTRO DA ESCOLA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade da Paraíba – Campus III, como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Ensino Fundamental.

Aprovada em: 13 / 06 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Francinete Fernandes de Sousa

Prof.^a Dr.^a. Francinete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

João Irineu de França Neto

Prof. Dr. João Irineu de França Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rônia Galdino da Costa

Prof.^a. Esp. Rônia Galdino da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, presença constante na minha vida, que a todo momento me dá forças para superar os desafios, discernimento para realizar os meus estudos. Sou eternamente grata por ter me dado a vida e por ter dado fé nas horas difíceis e de muitas dificuldades. Agradeço por ter me dado saúde, força e coragem nas horas de mais precisão. Obrigada Senhor, por tudo! E obrigada minha Virgem Maria, mãe que nunca me desampara e me acolhe no seu manto protetor.

Agradeço ao meu esposo, José Antônio que sempre se fez presente e soube me apoiar em cada momento, por vezes falando palavras muitas duras, até perdendo a paciência, mas sempre me dando força nas horas de desespero e de fraqueza quando pensei em desistir, agradeço a ele por acreditar em minha capacidade, sempre motivando a fazer o melhor. O meu esposo ajudou de muitas maneiras para ver minha conclusão no curso: ficava com os nossos filhos à noite para eu ir à UEPB, organizava a vida dos meninos como podia e sabia, os colocando pra dormir, e ainda me pegava na Universidade para que eu chegasse mais cedo em casa. Nunca reclamou de nada, nem de que estava cansando. Meu esposo, mesmo trabalhando o dia todo, quando chegava em casa ainda me ajudava muito, com os filhos, desse modo externo minha eterna gratidão.

Agradeço a minha filha Mayra Gabrielly por aceitar, mesmo que muitas vezes surgissem inúmeras dificuldades com a minha ausência, mesmo assim me dava força para ir estudar. E ao meu pequeno Antonio Neto que chegou e aguarda ansioso o final do curso, para que possa me dedicar mais a minha família.

A minha mãe que não está mais aqui, no entanto me dá forças, sei que onde ela estiver, olha e pede a Nossa Senhora que interceda a Jesus por mim.

Agradeço também a minha amiga e comadre Valdilene, que ficava com o meu filho à noite para eu ir estudar e com toda dedicação de uma mãe dava banho, comida e colocava pra dormir com muito carinho. Não posso esquecer do meu compadre e dos filhos que pegava o meu filho para brincar para que o tempo passasse mais rapidamente. Agradeço as minhas vizinhas que pega Antonio Neto para passear e conversar com ele, mostrando os gatos para distraí-lo. Podem ter certeza de que sou grata para o resto da minha vida, pelo o apoio que vocês me deram/dão. Muito obrigada por tudo!

Quero agradecer a minha orientadora e professora Francinete, que não escondo o prazer de tê-la como professora por duas vezes e agora como minha orientadora, sempre digo que quando crescer quero ser parecida com ela. Aprendi com ela que o que se faz com amor e dedicação, por mais que seja difícil, fica fácil e prazeroso. Obrigada pelas inúmeras vezes que não me achava capaz e lá estava com lindas e sábias palavras para animar e me dar força, sempre me mostrando que era capaz, por ter feito desse estudo não um trabalho, mas um contentamento e uma realização pessoal.

Agradeço aos professores que compartilharam os mais variados conhecimentos, tiraram dúvidas, proporcionaram alegrias e que me ensinaram muitas coisas boas e diferentes que levarei na minha bagagem de aprendizagem. Muitos professores passaram e deixaram a sua marca e nunca serão esquecidos, por mim.

Agradeço também, aos meus colegas de sala pela contribuição nas horas que precisei: a Francielly e Jaciele em especial, duas colegas que hoje são amigas e companheiras, dividimos risos e desesperos nos trabalhos, nas madrugadas dos finais de semanas... O bom é que no final sabemos que podemos contar com nossas amizades, seja nas horas de tristeza ou de alegria.

Agradeço também, a todos os colegas professores, corpo administrativo e demais funcionários e alunos da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental professora Maria das Neves de Paula Arruda por contribuírem para a realização desta pesquisa, proporcionando um aprendizado, o qual certamente compartilharei com todos, para que juntos tenhamos uma escola ainda mais democrática e que respeita as diferenças.

Enfim, quero agradecer a todos que me deram forças e que contribuíram direta e indiretamente para o meu crescimento pessoal e acadêmico, que me ajudaram a concluir e a realizar esse tão sonhado desejo de ser Pedagoga!

Obrigada por tudo!

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes”.

Paulo Freire

“Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, ESTUDAR e LER fossem fontes de ALEGRIA e PRAZER (...) teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação”

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo discute sobre ocorrências do *bullying* na sala de aula e de um modo geral, na escola. O trabalho tem como objetivo, assim, analisar as reações e traumas que o *bullying* acarreta na vida das crianças e adolescentes e o mal-estar que essas violências deixam, na maior parte das vezes, levando a crises sérias como problemas psicológicos e dificuldades na aprendizagem nas crianças e jovens. Hoje, o *bullying* é um assunto de grande importância nas escolas e devendo ser tratado e observado com equilíbrio pela sociedade civil organizada. Os problemas que se encontram na sociedade, no geral são refletidos na escola. Desse modo, cabe entender tais manifestações, a partir do movimento Sócio-histórico e cultural da atualidade, sobretudo no Brasil. Desse modo, para este estudo nos baseamos em FANTE (2005), LOPES (2005), CHALITA (2008), CALHAU (2010) e FREIRE (1996), que foram relevantes para nossas discussões, por tratar especificamente do tema em questão e apresentarem caminhos na direção de repensar, hoje, o modelo escolar existente, no país. Trata-se de um estudo que utilizou além de uma bibliografia especializada, também jornais, revistas e mídias sociais as quais a todo momento noticiam até suicídios decorrentes de *bullying* sofridos pelos estudantes. Quanto ao aspecto metodológico de forma semiestruturada, foram propostos questionamentos para que respondessem, por escrito, aos alunos, professores e gestores da Escola alvo da pesquisa. Com base nas considerações postas e discutidas criticamente por este estudo, a conclusão a que chegamos foi de que 100% (cem por cento) dos professores entrevistados presenciaram *bullying* na escola. No tocante os alunos, do mesmo modo 100% (cem por cento) afirmou que já presenciou ou que já sofreu *bullying* na escola. Destarte, tais estatísticas nos leva a crer, que existe um problema estrutural na comunidade escolar, o que necessita de compreensão mais aprofundada, uma vez que se chegou à conclusão de que é um fenômeno que vai além dos muros da escola investigada, sendo um problema a ser repensado pelo Estado sociedade civil e escola, a partir de uma equipe multidisciplinar, que viabilize não só uma resposta aos danos causados aos estudantes, mas um trabalho preventivo, através de políticas públicas específicas.

Palavras chave: Bullying. Escola. Estudante. Violência.

ABSTRACT

This study discusses about occurrences of BULLYING in the classroom and into the school. This article has the goal to analyze the reactions and traumas that bullying entails in the life of children and teenagers and mishap that this kind of violence cause serious crisis as psychological problems and learning difficulty, for children and Young people. Today, the bullying is an important matter into the schools and should be note with seriousness by the organized civil society. The problems that the society find are reflected in the school, thus, fits understand this manifestations, starting to socio-historical and cultural movement to the present, about everything in Brazil. Thus, for this study we base in FANTE (2005), LOPES (2005), CHALITA (2008), CALHAU (2010) e FREIRE (1996), because they were relevant for the discussions for dealing specifically to the theme and showing waysfor the rethink the school model that exists today in the country. This article used especialized bibliography, newspaper, magazines and social media that for all moment showing suicides because of bullying suffered by studentes. On the methodological aspect were made interviews with students, teachers and scholl managers. The possible conclusion is 100% of the intervied teachers suffered or witnessed bulling into the school. Regardind to the students, in the same way 100% claiming that witnessed or suffered bullying. This statistics shows that exists a structural problem into school comunity and this need to be understood an way more thorough, because this is deserves the State attention with a multidisciplinary attention team to make feasible the answer to damage caused for the students and a preventive work through public politics.

Keywords: Bullying. School. Student. Violence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES: FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

FIGURAS

Figura 1-	Mapa da localização da EMEIEFPMNPA.	14
Figura 2 -	Rótulos que machucam e aprisionam as vítimas	17
Figura 3 -	Bullying direto	20
Figura 4 -	Bullying indireto	21
Figura 5 -	Cyberbullying	26
Figura 6 -	Rótulos por características físicas	29
Figura 7-	Diego González, vítima de bullying na escola	31
Figura 8 -	Criança que teve o sonho interrompido pelo bullying	32
Figura 9 -	Bullying com deficientes	33

GRÁFICOS

Gráfico 1-	Vítimas de bullying na escola	38
------------	-------------------------------------	----

TABELAS

Tabela 1-	Estrutura física da EMEIEFPMDPA	15
Tabela 2-	Alunos matriculados na EMEIEFPMDPA	16

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMEIEFPMNPA	Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria das Neves de Paula Arruda
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PISA	Programa Internacional de Avaliação do Estudante
CGI.BR	Comitê Gestor de Internet no Brasil

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	12
2.1	Geral	12
2.2	Específicos	12
3	CAMPO METODOLÓGICO DA PESQUISA	13
3.1	Sobre o <i>lócus</i> da pesquisa: descrição e discussão dos dados de pesquisa	14
4	O BULLYING E SUA ORIGEM	18
4.1	O que é bullying na escola?	19
4.2	Características de bullying	20
4.3	O que é Cyberbullying?	23
4.4	Bullying: do silêncio a dor, da dor a tragédia	29
5	ENTREVISTAS COM ALUNOS DA EMEIEFPMNPA	37
5.1	Questionários com os professores	40
5.2	Questionamento aplicado a direção	41
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICES	48
	APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO A DIREÇÃO	49
	APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES ...	50
	APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO APLICADO AO SECRETÁRIO	51
	APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	52
	ANEXOS	54
	ANEXO A: AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	55
	ANEXO B: CARTA DE AUTORIZAÇÃO	56

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, temos presenciado uma abundante violência, seja na escola ou na sociedade em geral. Isso está deixando a escola e os pais apreensivos, pelo fato de seus filhos não poderem ter segurança nos ambientes, sem estarem constantemente preocupados. A cada dia que passa, aumenta o nível de desrespeito e falta de serenidade para olhar o outro como alguém igual, mas com diferenças que em nada afeta a vida de outrem e isto vem gerando desconforto e medo.

Estamos vivenciando uma situação de intolerância com o próximo que está ultrapassando todos os limites constituídos e isto acontece nos municípios, estados e no país, tornando-se uma problemática de relevância preocupante. Sabe-se que o principal papel do Estado é zelar pelo o bem-estar dos cidadãos, porém isso não está acontecendo. Não vemos as autoridades políticas se mobilizarem para resolver a matéria do bullying, pelo menos tentar amenizar esse problema que acontece não só entre crianças e adolescentes, mas entre os adultos também. O Programa Internacional de Avaliação do Estudante (PISA) referente ao ano de 2015, mostra que nas escolas brasileiras 1 (um) a cada 10 (dez) estudantes sofrem com *bullying* (TOKARNIA, 2017).

A prática de *bullying* gera violência, seja na escola ou fora dela, deixando sequelas que não podem ser esquecidas. Esses atos são vistos constantemente, por alunos pertencentes à escola e os que já não fazem mais parte e voltam a frequentar seu entorno, gerando vários conflitos no ambiente escolar.

O *bullying* e a violência no espaço escolar é um fenômeno, o qual podemos observar que está em crescimento assustador dominando todos espaços das vidas das crianças, adolescentes e adultos. As violações atingem a integridade física e moral desses indivíduos. Sendo assim, podemos observar, de maneira empírica que os direitos de transitar nos ambientes livremente, passa a ser como em uma prisão, onde os passos devem ser controlados, dando lugar ao medo, de modo que a insegurança se torna as maiores preocupações dos gestores das escolas pelo país a fora.

O cenário em que se constata o *bullying* passou a fazer parte ao mesmo tempo do nosso convívio diário, nas ruas ou nos nossos lares e por consequência nas escolas que refletem a sociedade em que vivemos. É possível detectar, sem

querer incorrer em generalizações que, por meio da mídia, vivenciamos ou assistimos todo tipo de violência. No entanto, nossa preocupação se refere às salas de aulas, pois sua expansão é diagnosticada como um problema sério que demanda atenção pelos agentes responsáveis pela educação. Sabe-se que a escola era vista como um ambiente sagrado. Aquele que se encontrasse na escola, estaria livre de qualquer tipo de violência, no entanto, atualmente, tem despertado medo na sociedade e nos pais, mesmo que eles ainda a identifiquem como um lugar seguro.

O bullying tem que 3 (três) personagens principais que são: os agressores, planejam tudo para o ataque, as vítimas, as que sofrem com as agressões muitas vezes caladas e os espectadores, que estão só para aplaudirem e zombarem dando apoio aos agressores que são seus compassas. O bullying é um comportamento agressivo que muitas vezes é prejudicial, em que o agressor faz com intensão de ofender e machucar a vítima com atos, atitudes e gestos repetidos e que as vítimas não conseguem se defender das maldades que esses agressores os fazem passar.

Para evitar *bullying* é preciso que a escola valide os princípios de respeito desde de cedo. É comum que as crianças menores briguem com o argumento de não gostar uma das outras, mas o educador precisa apontar que todos devem ser respeitados, independentemente de se dar bem ou não com uma pessoa, para que essa ideia primeira não persista durante o desenvolvimento das crianças, adolescentes e até mesmo adultos.

O aluno que sofre *bullying*, principalmente, quando não pede ajuda, enfrenta medo e vergonha de ir à escola. Pode querer abandonar os estudos, não se achar bom para integrar o grupo e apresentar baixo rendimento. Ele passa a ver todos que estão ao seu redor como zombadores e discriminadores e isso faz com que tudo seja visto com medo e desprezo, diminuindo, assim, a sua autoestima retraindo a pessoa que está sendo ofendida.

Considera-se que o *bullying* se materializa através de atitudes voltadas para provocação, zombaria, ameaça, bem como pelo fato de o “agressor” apresentar comportamento que assusta ou fere alguém menor ou mais fraco, especificamente em locais como na escola e na rua, além da intimidação física dos colegas mais fracos pelos mais fortes.

Este estudo, assim, delimitou como alvos da discussão as crianças e jovens e o que os atores sociais envolvidos nesse drama podem fazer a respeito, para alterar essa realidade. Uma delimitação necessária foi feita e evidenciamos os

estudos dos anais do Congresso Nacional de Pedagogia que trata do tema nos últimos 5 (cinco) anos e também reportagens de grande impacto que foram alvo desses atos de intolerância. Um outro recorte necessário para nortear nosso trabalho, implicou em questionamentos semiestruturados com professores na cidade de Mari, que fica no Estado da Paraíba. A instituição objeto de estudo foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria das Neves de Paula Arruda.

Para fins didáticos e de compreensão da análise, este trabalho foi dividido em 4 (quatro) partes. A primeira parte fala sobre a origem do *bullying* e mostra que foi na década de 1970 em nível internacional, onde as famílias perceberam que seus filhos estavam sendo agredidos na escola e que isso estava influenciando no psicológico das crianças e adolescentes.

O segundo ponto do texto mostra o *bullying* na escola e suas consequências, como vem se tornando rotina as agressões e violências no interior das instituições e quais as várias formas de cometer essas distorções da realidade que se materializam com vandalismos e agressões gratuitas.

A terceira parte, apresenta e analisa os tipos de *bullying*, e também as dores que ficam em quem foi atingido, assunto que abrange uma problemática relevante, relacionada às arbitrariedades cometidas.

A quarta parte mostra a entrevista foi na escola em estudo feito com professores, alunos, secretários e direção, apresenta como é a situação dentro de sala de aula e como a direção e professores tentam resolver os problemas que o *bullying* ocasionam tirando o sossego de uma escola.

2 OBJETIVOS

Quando estabelecemos objetivos de pesquisa escolar, buscamos compreender os desafios que esta instituição passa, seja no concernente à avanços, retrocessos e viabilidades de mudanças. Dessa forma, estabelecemos de maneira geral e específica abaixo, afim de sistematizar e nortear nossa pesquisa as nossas prioridades.

2.1 Geral

Analisar os processos desencadeadores do *bullying* na escola.

2.2 Específicos

- Identificar os diversos tipos de *bullying* na sociedade;
- Apresentar experiências reais de *bullying* nas escolas;
- Investigar a existência de *bullying* em uma escola do interior da Paraíba;
- Identificar, através de protocolo escrito, como o corpo docente, discente e administrativo veem o *bullying* na escola no interior da Paraíba;
- Apontar caminhos para solucionar o problema do *bullying* na escola;

3 CAMPO METODOLÓGICO DA PESQUISA

No referente aos procedimentos e instrumentos de pesquisa utilizados, apresentaremos a seguir os três tipos de questionamentos aplicados.

Questionamentos

- a. Para 50 alunos do 2º ao 5º ano da escola;*
- b. Para 10 professores 1º ao 5º ano da escola;*
- c. Para integrantes da equipe técnica da escola.*

Solicitamos que, por escrito, os professores respondessem a 5 (cinco) perguntas:

- 1. Você já presenciou bullying na sua escola?*
- 2. O que você faz quando presencia bullying na escola?*
- 3. Você acha que o bullying é algo da educação familiar ou da educação escolar?*
- 4. Quem influencia o bullying?*
- 5. defina o que é bullying na escola no seu ponto de vista.*

Em outros momentos, após 10 (dez) dias, pedimos para que os alunos respondessem a tais questionamentos:

- 1. Você sabe o que é bullying?*
- 2. Você já sofreu bullying na escola?*
- 3. Quais foram os bullying que você sofreu ou viu algum amigo ou amiga sofrer?*
- 4. Na sua escola existe conversas sobre bullying?*
- 5. Seus professores, diretores e supervisores reclamam quando veem o bullying acontecendo?*
- 6. Você já viu alguém fazer brincadeiras maldosas pela internet com seus amigos da escola?*
- 7. Como você se sente em relação ao bullying que sofreu ou que viu um amigo sofrer?*

Para integrantes da equipe técnica da escola fizemos tais questionamentos:

- 1. Você já presenciou bullying na sua escola?*
- 2. O que você faz quando presencia bullying na escola?*
- 3. Você acha que o bullying é algo da educação familiar ou da educação escolar?*
- 4. Quem influencia o bullying?*
- 5. defina o que é bullying na escola no seu ponto de vista.*

O tratamento dado foi quantitativo, através de percentagens e qualitativo através da análise dos conteúdos do material, levantando terminologias, convergências e divergências de frases, etc., para responder às perguntas feitas.

Solicitamos um termo de autorização para que a pesquisa fosse feita, o qual encontra-se em anexo. Não houve nenhuma resistência, por parte do corpo docente, discente e equipe técnica para permitir o desenvolvimento da pesquisa e respostas às perguntas. Pelo contrário, o tema foi motivo de discussões positivas pelos corredores da escola.

3.1 Sobre o *lócus* da pesquisa: descrição e discussão dos dados de pesquisa

Esta pesquisa foi procedida na escola onde a pesquisadora trabalha, exercendo a função de professora a 3 (três) anos. A escolha se deu pelo fato de empiricamente conhecer os problemas que se enfrenta, na escola, no referente ao tema abordado. - A EMEIEFPMNPA: SEU HISTÓRICO E SUA RELAÇÃO COM O BULLYING.

Figura 1: Mapa da localização da EMEIEFPMNPA



Fonte: Google Maps, 2019.

A escola Maria da Neves como é conhecida está localizada no município de Mari – Paraíba. A escola está situada na parte central da cidade, possuindo fácil acesso para todas as ruas, e com isso estão matriculados alunos de vários bairros, mesmo sendo um bairro mais distantes da escola.

É uma escola de médio porte, funciona nos turnos manhã e tarde, atualmente é composta por 12 (doze) professoras, sendo 2 (duas) na educação infantil e 10 (dez) no fundamental I, ainda tem 1 (uma) diretora e 1 (uma) vice, 1 (uma) supervisora, 1 (um) vigia, 2 (dois) secretários e 2 (dois) auxiliar de serviços gerais e 1 (uma) merendeira. Na Tabela 1 (um) mostra as características físicas da instituição.

Tabela 1: Estrutura física da EMEIEFPMDPA

Salas de aula	06
Banheiros	02
Cozinha	01
Corredor	01
Secretaria	01
Sala de computadores	01
Quadra de esportes	01

Fonte: Coordenação da escola, 2019.

Nessa escola, verifica-se que o alunado é bem diversificado, existem crianças que são calmas e não demonstram que vivem conflitos dentro de casa com a família. Por outro lado, tem crianças que não tem paz, quando chegam, vem com a mente pesada e com isso não tem paciência e nem vontade de aprender, apelam para palavrões, agressão aos que são menores e desobediência a professora.

Detecta-se que a maioria que tem pais separados em casa, traz para escola brigas, xingamentos, agressões e acima de tudo reflexos, a nosso ver, da desunião dos pais. O conjunto crianças com conflitos domésticos advindas de lares disfuncionais somados aos problemas estruturais da escola e seu entorno refletem e tira o sossego das crianças que tem uma vida mais regular do ponto de vista da estrutura familiar. Tudo isso acaba desembocando em um problema que o professor precisa dar conta: sua sala de aula é justamente, a primeira a ser afetada, o que vai

exigir do professor, um grande jogo de cintura para adequar os conflitos da sala, gerados pelos alunos problemáticos e os conteúdos, os quais ele deve desenvolver.

A escola alvo de nossa investigação é conhecida como exemplo e disciplina em relação a outras escolas e por isso tem procura por matrícula de alunos de toda cidade, até da zona rural, os quais mesmo tendo escola perto, se deslocam para a escola Maria das Neves de Paula Arruda. Hoje é uma das instituições de ensino que possui mais alunos no município de Mari.

A escola tem matriculados no ensino fundamental primeira fase 268 (duzentos e oitenta e cinco) alunos. Não está fazendo parte desse estudo a Educação Infantil, por isto não contabilizamos. A Tabela 2 (dois) apresenta dados em que informa a quantidade de alunos matriculados nos turnos da manhã e da tarde.

Tabela 2: Alunos matriculados na EMEIEFPMDPA

Turno matutino		Turno vespertino	
Ano	Alunos	Ano	Alunos
1º	22	2º	23
2º	15	3º "A"	18
3º	35	3º "B"	24
4º	31	4º	32
5º	33	5º	35

Fonte: Coordenação da escola, 2019.

A nosso ver é uma escola que desenvolve um trabalho significativo, os profissionais têm dedicação, mas o *bullying* perturba toda a equipe escolar. O medo do bullying na escola, cresce a cada dia, esse mal deixa todos ansiosos e com suspeição de que alguma coisa pode dar errado. Um aluno sofrer com *bullying*, tira o chão do professor e gestor na escola, isso sem contar que o psicológico dessa vítima que, por consequência atingirá a harmonia da sala e do educador.

Outro motivo para o desenvolvimento do *bullying* na escola, vem derivando do fato de as crianças não saberem ler e não sabem escrever com 8 (oito) anos, elas saem do ciclo de alfabetização, o qual formalmente pressupõe tem que saber ler, contar e fazer contas básicas com precisão, no entanto, isso não está acontecendo e essas crianças estão sendo motivos de *bullying* e violência dentro de sala de aula.

É impressionante como o desprezo afeta o desenvolvimento do ser humano, mesmo quando não demonstra que está se sentindo mal, afeta e as poucas palavras que escutam, transforma e machucam deixando cicatrizes para toda uma vida e quem sabe até não existir mais vida. Muitas vezes o que não queremos ouvir são palavras para nos machucar, e sim apenas uma palavra de conforto, mesmo que a ocasião não seja perfeitamente favorável para esse, apoio a vítima por tanto ser excluída e esquecida se torna refém delas e nunca mais consegue ser uma pessoa livre e feliz para viver naturalmente.

A imagem abaixo mostra que a vítima é apontada por coisas que ela nunca foi nem vai ser. Mas o motivo de ser xingada por outras pessoas cria um rótulo que passa a fazer parte da sua prisão pessoal e machuca violentamente sem que a vítima enxergue uma saída.

Figura 2: Rótulos que machucam e aprisionam as vítimas



Fonte: Priscila Soares, 2018.

4 O BULLYING E SUA ORIGEM

De acordo com Fante (2005), a palavra *bullying* é de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente de maltratar e inibir uma ou outra pessoa e colocá-la sob tensão.

O termo é usado para conceituar todos os atos de violência física ou psicológica intencional e repetitiva, a qual se manifesta sem nenhum motivo aparente, praticados por uma pessoa ou grupo de pessoas, contra outro(s), com o objetivo de intimidar ou agredir o indivíduo incapaz de se defender, causando nas vítimas muito sofrimento, levando-as ao isolamento social e em alguns casos à agressividade e no seu extremo ao suicídio (p.?).

Foi na década de 1970, em nível internacional, com pesquisas realizadas que as famílias começaram a perceber que os problemas estavam crescendo e que a violência escolar estava se agravando. Segundo Chalita (2008), a preocupação alastrou-se pela Noruega e Suécia e, posteriormente, por toda a Europa. O primeiro país a ter a preocupação com o *bullying* escolar foi a Suécia, na década de 1970, quando ocorreram várias agressividades no ambiente escolar.

Segundo o autor citado, na Noruega o *bullying* foi mais além, não só causou preocupação mais uma enorme inquietação nos meios de comunicação, entre escola e família, no entanto, segundo estudiosos, as autoridades educacionais não se importaram e não se comprometeram, de nenhuma forma, principalmente na forma judicial que era a mais temida.

No passado, nas décadas de 60 e 70, os pais começaram a perceber um comportamento diferente nos filhos e observaram que as atitudes de medo e desinteresse maior era pela escola, um problema que podia ser sério se viesse a ganhar forças, pois ninguém falava sobre *bullying*, palavra distante do cotidiano das famílias e que não ouvia falar. Foi por esse motivo que o pesquisador e professor da Universidade de Bergen, Dan Olwues (2018), pesquisou 84 mil (oitenta e quatro mil) estudantes, 300 a 400 (trezentos a quatrocentos) professores e 1000 (um mil) pais. No final da sua pesquisa chegou à conclusão de que a cada 7 (sete) alunos 1 (um) estava envolvido em caso de *bullying*. Depois dessa pesquisa as autoridades dos países começaram a se preocupar e a tentar achar caminhos que viessem a diminuir o *bullying* nas escolas (LEANDRO, 2018).

De acordo com as pesquisas de Fante (2005), o *bullying* vem crescendo nas escolas americanas e em todos os outros países, e tal fato classifica o *bullying* como um conflito global, que se persistir sem o controle de políticas contra esse tipo de violência, o número de crianças que se tornarão adolescentes e adultos abusadores e delinquentes será significativo.

O Brasil comparado com outros países da Europa e aos EUA, no referente aos estudos e tratamento desse comportamento, está com 15 (quinze) anos de atraso. “No Brasil, o *bullying* ainda é pouco comentado e estudado, motivo pelo o qual não existem indicadores que nos forneçam uma visão global para que possamos compará-lo aos demais países” (FANTE, 2005). Com base nessa informação, podemos inferir que no Brasil, tal problemática não é priorizada mesmo sabendo-se que os transtornos do *bullying* podem atrapalhar o desenvolvimento intelectual e ainda prejudicar a saúde das vítimas, podendo chegar a fatalidades.

4.1 O que é bullying na escola?

Nos últimos tempos, Fante (2005), Chalita (2008) e Freire (1996), identificam a ocorrência de um fenômeno ao qual denominam bullying. O problema não é novo e pode ser encontrado nas escolas, sejam públicas ou privadas.

O *bullying* é um comportamento, prejudicial e agressivo, em que muitas vezes, o agressor faz com intenção de machucar e ofender. Tais atos são repetidos várias vezes sem que o indivíduo possa se defender. Segundo o autor Bellio Junior (2017), *bullying* é maldade na prática e maus tratos e as ofensas podem acontecer de várias maneiras:

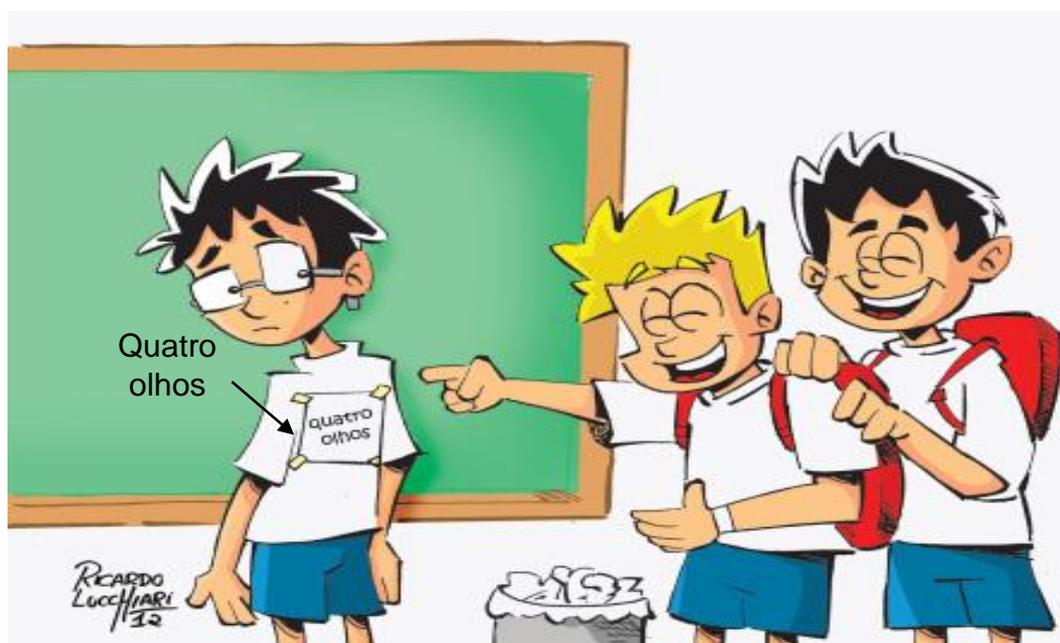
- *Bullying* Físico: bater, chutar, beliscar, ferir.
- *Bullying* Verbal: apelidar, xingar, “zoar”, “encarnar”.
- *Bullying* Moral: difamar, caluniar, discriminar.
- *Bullying* Psicológico: intimidar, ameaçar, perseguir.
- *Bullying* Material: furtar, roubar, rasgar ou quebrar os pertences.
- *Bullying* Virtual: “zoar”, discriminar, difamar, por meio da internet e/ ou celular (cyberbullying).
- *Bullying* homofóbico: discriminar as pessoas por sua condição ou orientação de gênero.

4.2 Características do bullying

De acordo com Calhau (2010), o *bullying* apresenta características comuns, que são comportamentos agressivos de forma repetitiva e violência contra uma mesma vítima, dificultando a sua autodefesa. Sendo assim, os comportamentos de violência podem ser classificados como *bullying* direto e indireto. Ambas as formas são inadequadas e prejudiciais a todos os envolvidos, com o *bullying* e isso causa insegurança principalmente à vítima, (CHALITA, 2008). O *bullying* causa na vítima reações muito variadas e que é difícil de imaginar, pois existem pessoas que são provocadas que não chegam a ser afetadas, mas existem outras que perdem o ânimo de voltar à escola e se entrosarem com outras pessoas.

Como problematiza os autores citados acima, a forma direta é mais praticada pelos agressores do sexo masculino que utilizam geralmente a força com agressões físicas (tapas, empurrões, chutes) e insultos, apelidos ofensivos, comentários racistas, como agressões psicológicas, podendo chegar até a extorsão de dinheiro, devido à vítima estar fragilizada e apavorada, dessa forma para se verem livres do assédio, até pagam para os “fortões”. A seguir, na Figura 1(um) mostra de forma objetiva como se realiza o *bullying* direto nas escolas.

Figura 3: Bullying direto.



Fonte: Adaptado de Lucchiari, 2018.

O *bullying* indireto é mais praticado pelas meninas que utilizam, sobretudo os ataques morais como espalhar fofoca, inventar mentira, entre outras atitudes, que têm como objetivo levar a vítima ao isolamento social. Porém, nos dias atuais, não podemos dizer que as meninas não usem da violência física contra outras meninas e contra os meninos, também, assim a divisão é apenas didática, uma vez que diferenças entre o *bullying* praticado pelos meninos e pelas meninas não significa que são sempre dessa forma.

O *bullying* indireto está inserido na sociedade de modo tão natural, que as crianças e jovens acabam os cometendo, em alguns casos, sem ao menos perceber, quando ocorre a exclusão de alguém, por não gostar das mesmas coisas que a maioria do grupo, por exemplo. Mas, na maioria das vezes, esses são transtornos psicológicos que podem denotar alguma perversidade. A figura 2 (dois) mostra uma situação de *bullying* indireto, por meio de exclusão social.

Figura 4: *Bullying* indireto.



Fonte: Ensino – guia de educação, 2019.

Segundo o autor Bellio Junior (2017), o quadro que representa muito bem a perversidade e a crueldade dos indivíduos sempre ocorrem da seguinte forma:

- Os alvos perseguidos;
- Os agressores e onde gostam de agir;
- As vítimas e os problemas de saúde;
- As testemunhas e a lei do silêncio.

A falta de reação das vítimas e a passividade dos que estão assistindo é o principal objetivo para nos preocuparmos com a erradicação do *bullying*. O desinteresse das crianças e jovens agredidos, não nasce apenas dos problemas da criança, mas de toda a estrutura escolar perversa que é preconceituosa, deficitária e excludente. O *bullying* se torna maior para aquelas crianças e adolescentes que se sentem rejeitados e excluídos pelo o resto dos alunos. A escola passa a ser um lugar indesejável para essas vítimas. Lopes Neto (2005) afirma ainda que:

Os relacionamentos interpessoais positivos e o desenvolvimento acadêmico estabelecem uma relação direta, onde os estudantes que perceberem esse apoio terão maiores possibilidades de alcançar um melhor nível de aprendizado. Portanto, a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão (LOPES NETO, 2005, p. 165).

Para as crianças e os adolescentes que não são abertas a entrosamentos com os colegas de sala é muito importante se observado pelo professor e pelos pais para incentivarem a estar bem e se entrosar com os poucos que tem coragem de chegar e começar uma amizade, pois, os amigos ajudam na saúde de uma maneira geral e principalmente na saúde psicológica e fortalece a confiança para que as crianças alvo de agressão, reajam a elas caso que venha sofrerem. A segurança e o apoio dos colegas têm poder interior muito grande, ainda para Calhau (2011):

O bullying sempre existiu, mas não era estudado. Quando acontecia a vítima sofria calada ou “pedia para sair”, mudava de escola, cidade etc. Todo mundo achava muito comum. Chegavam até a colocar a “culpa” do bullying nas próprias vítimas (CALHAU, 2011, p.12- 13).

O *bullying* não é algo novo dentro dos centros de ensino talvez, o que vem ocorrendo é que se desenvolvem, muitas vezes, em ambientes que não tem supervisão de um adulto, tal fato é controverso porque as escolas costumam ter diretores, supervisores, vigias e outros componentes que ajudam a controlar o local,

porém as violências tendem a ocorrer nessas escolas e o agressor não tem preocupação, nem medo de estarem sendo supervisionados, só esperam o momento de terem a chance de atacar a vítima sem a noção do constrangimento que o causa a ela.

Desse modo, a violência no ambiente escolar é um problema complexo e a sua resolução requer a participação efetiva de todos os envolvidos: professores, alunos, gestores, comunidade escolar, família e sociedade. Segundo Lopes Neto, (2005):

O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos, visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (LOPES NETO, 2005, p. 169).

O *bullying* e qualquer outro tipo de violência deve ser combatido, reprimido e, tomada todas as providencias, por parte das autoridades, para que não se propague, considerando os fatores que originam a agressão na escola e os aspectos causados por ela, cabe refletir sobre de que forma deve ser trabalhado essa questão.

Na atualidade, o *bullying* tem repercutido no meio midiático, com frequência e soado como atitude normal. O tratamento e o comportamento agressivo, através de insultos, apelidos cruéis, gozações, ameaças, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam a vida de outros, levando na maioria das vezes o agredido a graves consequências psíquicas e à exclusão escolar e social.

4.3 O que é Cyberbullying?

Cyberbullying segundo a Cartilha “CPI dos maus tratos contra criança e adolescente” (2017/2018), é um tipo de violência que é praticada a alguém através da internet ou de outras tecnologias. Praticar *cyberbullying* significa usar o espaço virtual para intimidar e hostilizar uma pessoa (colega de escola, professores ou outro funcionário da escola), difamando, insultando ou atacando covardemente.

O *cyberbullying* é mais fácil para os agressores, porque fazem à distância e de forma anônima, através de diversas redes sociais como *e-mails*, *Facebook*,

Instagram, WhatsApp, e através dessas redes divulgam conteúdos ofensivos e caluniosos que chegam a abalar a estrutura da vítima. Nesse sentido, Silva (2010) assim o descreve:

Os avanços tecnológicos também influenciam esse fenômeno típico das interações humanas. Com isso novas formas de bullying surgiram através da utilização dos aparelhos e equipamentos de comunicação (celular, Internet), que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias e maledicências. Essa forma de bullying é conhecida como cyberbullying [...] (SILVA, 2010, p. 24).

O *cyberbullying*, pode deixar muitas sequelas e os sintomas são muito parecidos com o bullying, depois que a pessoa agredida aparece com esses sintomas, fica muito difícil de superar e sair dos ataques sofridos. Os sintomas mais frequentes são: distúrbio do sono, problemas de estômago, transtornos alimentares, irritabilidade, depressão, transtornos de ansiedade, dor de cabeça, falta de apetite e pensamentos destrutivos, como desejo de morrer, entre outros (fonte: CARTILHA - CPI DOS MAUS TRATOS CONTRA CRIANÇA E ADOLESCENTE (2017/2018)).

Através da internet e do celular são expostas mensagens e comentários com imagens depreciativas que se alastram rapidamente e sendo assim, torna o *bullying* mais perverso. Tudo isso porque o espaço virtual é ilimitado e cresce o poder do agressor, e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola.

Uma pesquisa feita pela a Intel (2015) revela dados sobre o cyberbullying no Brasil e mostra como ocorre esse tipo de violência com frequência. O estudo foi realizado no Brasil com 507 (quinhentos e sete) crianças e adolescentes de idades entre 8 e 16 (oito e dezesseis) anos, e mostra que a maioria (66%) já presenciou casos de agressões nas mídias sociais. Cerca de 21% (vinte e um) afirmaram que já sofreram cyberbullying e grande parte das vítimas tem entre 13 e 16 (treze e dezesseis) anos.

Muitos pais acham que os filhos sabem demais das tecnologias até mais do que eles próprios, tal fato, acaba deixando os pais, por desconhecimento, passar sem monitorar de maneira apropriada o que os filhos estão fazendo e como estão se comportando na internet. Por ser uma tecnologia avançada, ela ganha forças através da grande comodidade que traz ao usuário, principalmente por ter um mundo interconectado, o que acaba facilitando que a informação viralize rapidamente. Mas sabemos que tudo tem seus pontos positivos e negativos.

É relevante destacar um fator que nos traz preocupação na atualidade. Trata-se da enorme ligação que as crianças e adolescentes estão tendo com a internet, a ponto de se entregar por inteiro, esquecendo de que existe uma família e que precisa ter diálogo e conversas diárias, porém este é um caso de responsabilidade do núcleo familiar, a criança e adolescente em uma pequena ou nenhuma parcela de culpa. A pergunta coerente seria: o que acontece no dia a dia dos filhos e dos pais para que todos possam estar atentos aos acontecimentos, a fim de que não venham a ter surpresas desagradáveis no tocante as violações éticas no caso específico do *bullying*?

Empiricamente observamos que os celulares, smartphones são, muitas vezes, usados como babas eletrônicas para que os filhos fiquem quietos e não interrompam as atividades dos pais quer estejam em casa, nos consultórios, em algum lugar social, que não seja adequado a presença da criança ou jovem.

No que tange a fatores positivos das mídias sociais verificamos que trouxeram facilidades para o trabalho, independentemente da área profissional dos adultos, para criança existe um mundo novo, colorido de jogos, músicas e interatividade que não podem ser desconsiderados. Os pontos negativos, foram as liberdades que os pais deixaram seus filhos ganhar, decorrentes de fatores assinalados, anteriormente. Por acúmulo e de atividades ou por falta de percepção de que estes instrumentos tecnológicos podem gerar um problema, por vezes abrem mão da observação e monitoração adequada para que esses instrumentos tecnológicos sejam usados de forma adequada e prazerosa e não necessariamente sirvam para destruir um ser humano, chegando, ao ponto de levá-lo à morte.

O Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.BR) publicou na revista TIC KIDS ONLINE BRASIL, no ano de 2016 uma pesquisa referente ao ano de 2015 sobre o uso da internet por crianças e adolescentes, onde destacou que a Intel Security recomenda que os pais estabeleçam um controle do tempo, em que a criança passa na internet e nas mídias sociais e que conheçam quais são as plataformas, sendo frequentadas por eles. Também é indicado o uso de ferramentas de controle parental. Diz o documento que “as mídias sociais são as principais influenciadoras, tendo em vista que esse é o meio mais usado para disseminar padrões sociais, principalmente os relacionados à beleza”.

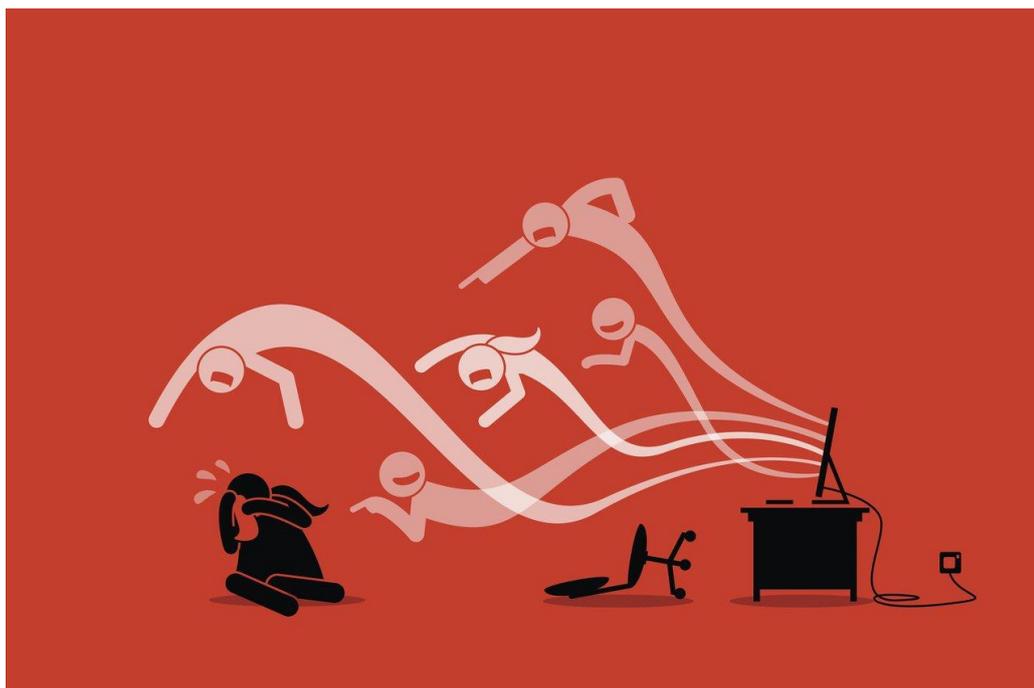
Segundo dados levantados pelo Instituto de Pesquisa em 2018, o Brasil está em segundo lugar no mundo em casos de *bullying* na internet contra crianças e

adolescentes. Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) no ano de 2010, apontou que em média 30% dos alunos se envolvem em casos de *bullying*, sendo um em cada cinco, agressores. Silva (2010) ressalta que:

Vale destacar que os problemas relatados, em sua maioria, apresentam uma marcação genética considerável, ou seja, podem ser herdados dos pais ou de parentes próximos. No entanto, a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, pode deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos. Desta forma, devemos refletir de maneira bastante conscienciosa que, além de o *bullying* ser uma prática inaceitável nas relações interpessoais, pode levar a quadros clínicos que exijam cuidados médicos e psicológicos para que sejam superados. (SILVA, 2010, p. 32).

Sabemos que o *cyberbullying* está inserido na sociedade de modo muito explícito, cabe a família saber identificar e conduzir a criança ou o jovem para práticas que mudem essas atitudes, e principalmente, ensinar a respeitar o outro a partir das suas diferenças. Devemos entender que a escola tem um papel essencial na construção do cidadão, mas devemos compreender também, que a escola possui um papel e a família outro, e um não pode tomar o lugar do outro, mas agir em conjunto. A Figura 3 (três) mostra através de uma animação, uma situação em que uma notícia sobre uma adolescente se espalha nas redes sociais.

Figura 5: Cyberbullying.



Fonte: Getty imagens, 2010.

Já foi dito que o *cyberbullying* é um fenômeno que a cada dia, vem demonstrando um crescente número de vítimas. Acontecem através das redes sociais, e trata-se de um assunto bastante sério, pois expor uma notícia compartilhada com todos fazendo-a circular só para macular a imagem de uma pessoa, que por algum motivo foi escolhida para sofrer dores, ao ponto de até chegar a tirar a sua própria vida por causa da exposição nas redes sociais, sendo motivos de comentários maldosos e constrangedores, é preocupante e precisa ser tomadas as atitudes cabíveis. Gómez (2009) comenta que:

é necessário que os estudantes aprendam a conviver de forma democrática e a resolver seus conflitos mediante o diálogo e a negociação. É necessário que, os que se sintam em desvantagem aprendam a enfrentar os seus agressores com confiança e segurança, valorizando seus próprios recursos pessoais, é necessário educar no respeito e para a convivência pacífica. (GÓMEZ, 2009, p. 55).

Um exemplo da ficção que foi muito comentado e traz à luz, o problema por nós estudado, é o da série *Os Treze Porquês*, exibida pela Netflix. Na primeira temporada conta a história de uma menina de 17 (dezessete) anos que nos deixa uma mensagem muito importante e que pede para ter o máximo de cuidados para não se tornar exposto um ato impensado, porque, com o auxílio das redes sociais, logo o que não era para ser um assunto público sua vida sexual foi exposta através de uma aposta de que embebedariam a menina e transariam com ela. Foi um estupro coletivo, em questão de segundos gira o mundo em uma velocidade impressionante. Em seguida a sua vida está jogada e a sua privacidade sendo motivo de gozação e xingamentos negativos.

A menina do filme era bonita, simpática e companheira, boa filha e boa aluna, tirava notas boas e fazia o possível para ser uma boa amiga. Mas, infelizmente caiu em uma armadilha feita pelos colegas de escola, que a cada dia mexia um pouco com ela. Os dias foram passando, e a tristeza tomando conta de seu interior. Quando se deu conta, estava totalmente sozinha e sendo motivo de chacota e gozação. Tudo que fazia era motivo de agressão, e os rapazes só queriam se aproximar dela para falar depois. Para se defender ela era arrogante e forte, tentava encontrar forças para superar a todos os ataques que sofria.

Aparentemente não demonstrava tristeza, medo ou insegurança. Foi forte a tal ponto de gravar umas fitas contando o que estava acontecendo e quem praticou

atos violentos contra ela, e deixou essas fitas para um colega de sala ouvir e saber porque aconteceu tudo aquilo. Mas, nada adiantou, o *bullying*, ou seja, o resultado do *cyberbullying*, cometido por seus próprios colegas foi mais forte que aquela jovem, as agressões e violências por meio das redes sociais venceu e fez mais uma vítima, deixando sem chão os pais dela. Ela se suicidou, era filha única, toda dedicação dos pais ela tinha, a história foi adaptada, a partir de casos reais.

É impressionante como o *bullying* e *cyberbullying* estão fazendo vítimas de todas as idades, de todas as raças e de toda classe social, não importa se tem ou não tem dinheiro, só precisa não está nos padrões dos agressores que estão a toda hora a procura de novas vítimas. Essa série é apenas um exemplos de tantos que vemos e muitas vezes não damos importância e nem nos interessamos por essas pessoas que sofrem sem compartilhar com outras pessoa e até mesmo com a própria família por medo de serem ignoradas e chamadas de loucas e que estão colocando coisas que não existem cabeça, e ainda mandam esquecer e deixar pra lá.

Como discutimos anteriormente, no entanto é imperioso enfatizar, a tecnologia trouxe muitos benefícios para a sociedade em geral, mas devido ao uso das redes sociais, as crianças, os adolescentes e os adultos estão se entregando e muitas vezes não estão mais se entregando com a família nas horas das refeições e na hora que estão todos os membros da família estão em casa ou no lazer, isso gera um grande afastamento entre os pais e os filhos e com os outros membros da família.

É através desse avanço instantâneo da tecnologia que a sociedade se interliga por questões de segundos, as informações chega com um velocidade imprevisível, e pessoas que estão no outro lado do mundo se comunica com pessoas que não conhece e muitas vezes começam a se relacionar sem que nunca tenham se visto. Com isso, pessoas inocentes pagam por atos impensados de pessoas que só pensam em fazer o mal, a vítima que está sendo o alvo e que pode ser a próxima a pagar com a sua própria vida.

Isso nos deixa uma mensagem muito importante e serve para termos o máximo de cuidados para não nos expormos a tal modo, um ato impensado com o auxílio das redes sociais, em questão de segundos, gira o mundo em uma velocidade que não podemos imaginar, uma vez que lançada na rede, a informação

não tem como se reverter. E em seguida a sua vida estar jogada e a sua privacidade sendo motivo de gozação e xingamentos negativos.

4.4 Bullying: do silêncio à dor, da dor à tragédia

A Figura 3 (três) mostra uma das formas de *bullying* mais cometidas nas escolas. O *bullying* de rotulação por características físicas é um dos principais indicadores de agressão psicológica e física. Por esses e tantos outros motivos que se julga fundamental cativar nas crianças e nos jovens o sentimento de humanidade, de trabalhar em equipe e de oferecer o perdão a quem lhe ferir.

É preciso conectar as pessoas, fazendo-as entender que precisamos uns dos outros, e principalmente que o outro é diferente, tem sentimentos e precisa ser respeitado pelas suas escolhas, contanto que essas escolhas não coloquem em risco, maltrate ou humilhe ninguém. É essencial compreender que a educação escolar necessita de caminhar ao lado da educação familiar, pois a escola não pode tomar a frente dos princípios repassados pela família, por isso que precisam andar juntas.

Figura 6: Rótulo por características físicas



Fonte: COUTINHO, 2011.

Essa imagem nos deixa pensativos, pois, nos dias atuais, por uma simples diferença de estética acontecem desrespeitos pelos os colegas de sala. O *bullying*, muitas vezes, vem de críticas maliciosas, brincadeiras violentas e humilhantes que alunos fazem para intimidar outros por apresentar alguma forma de destaque na escola, como por exemplo: o melhor aluno da sala ou aquele aluno acima do peso”.

Em uma sala de aula, o perfil mais comum é que encontremos alunos magros e os mais cheios, um pouco que sejam, são considerados anormais pelos outros. Mas assim, quando existe um que saia dos padrões dessa sala de aula, esse indivíduo perde o seu sossego, começa a ser perseguido pelo o resto da turma, ela vai fazer difundir-se pelo o resto da escola à diferença daquela criança ou jovem do resto da turma e todos começam a xingar, zombar e muitas vezes a agredir essa vítima.

Isso tudo para quem está de fora, pode ser considerado uma bobagem sem importância, afinal quem não já passou por isto uma vez na vida? E se a vítima começa a ter reações de tristeza e desinteresse é chamada de fraca e não é entendida por outras pessoas pelo o fato de não ter coragem de se abrir e contar o verdadeiro motivo de estar passando por isso. A vida dessa vítima se transforma em um verdadeiro inferno, e a escola se torna o último lugar que queira frequentar.

Muitas crianças e adolescentes por terem que viver em silêncio a dor do *bullying*, cometem suicídio e deixa uma carta contando por que foi que teve que tirar a sua própria vida, como aconteceu com Diego de 11 (onze) anos que morava em Madri – Espanha, ele deixou uma carta explicando os motivos que o levou a tirar a sua própria vida. Era um bom filho, um bom aluno, sempre tirava notas boas e o mais importante era que seus pais tinham um grande orgulho dele. Mais começou a só ter sossego quando estava de férias.

Ele deixou a carta no bichinho de estimação dele. É por pequenas coisas que vemos o quanto a pessoa é especial para umas pessoas, e tão insignificante para outras a ponto de tirar o sossego e a vontade de querer viver, ele não queria mais seguir adiante, não queria mais crescer, o que desejava era ser livre de sofrimentos, de pressões e de ataques que sofria na escola. As últimas palavras dele foram agradecendo aos pais e dizendo o quanto são importantes para ele, mais não dava mais. A seguir um trecho da carta de Diego que foi publicada no site MELHOR COM SAÚDE (2018):

“Papai, mamãe, estes 11 (onze) anos em que estive com vocês foram muito bons e eu nunca me esquecerei deles assim como nunca esquecerei de vocês. Papai, você me ensinou a ser uma boa pessoa e a cumprir as promessas, e além disso, brincou muito comigo. Mamãe, você cuidou muito de mim e me levou a muitos lugares. Vocês dois são incríveis, e juntos são os melhores pais do mundo.

Tata, você aguentou muitas coisas por mim e pelo papai, e eu agradeço muito e te amo muito. Vovô, você sempre foi muito generoso comigo e sempre se preocupou. Te amo muito. Lolo, você me ajudou muito com as minhas lições de casa e me tratou muito bem. Desejo sorte a você para que possa ver Eli. Digo isso porque eu não aguento mais ir ao colégio e não há outra maneira para não ir. Por favor, espero que algum dia vocês possam me odiar um pouquinho menos. Peço que vocês não se separem, mamãe e papai, pois somente vendo-os juntos e felizes eu também serei feliz. Eu sentirei saudades e espero que um dia possamos voltar a nos ver no céu. Bom, me despeço para sempre. Assinado, Diego. Ah, uma coisa, espero que você encontre um emprego bem rápido Tata.” Diego González (MELHOR COM SAÚDE, 2018).

Os pais de Diego sofreram, mas não se calaram. Eles buscaram mostrar as pessoas que o *bullying* não é brincadeira e que isso deve parar, para não aumentar o número de suicídios por conta dessa prática. Os pais de Diego procuram com evidência mostrar a gravidade do *bullying* na sociedade e principalmente dentro da escola. A Figura 5 mostra uma imagem de Diego, que em sua infância, cometeu suicídio para fugir dos assédios.

Figura 7: Diego González, vítima de bullying na escola.



Fonte: MELHOR COM SAÚDE, 2018.

As coisas nem sempre acontecem como desejamos, de repente mudam os planos e o que era pra ser conquistado pelos esforços: é interrompido. Um outro exemplo foi o caso de uma menina meiga, inteligente, cheia de vida, boa filha e

absolutamente normal, gostava de brincar de boneca com suas primas e desfrutava de uma saúde de ferro, só que infelizmente o sonho dela foi interrompido. Ela sonhava em ser cientista, gostava de matemática, cursava o quarto ano e tirava notas boas. Mas, o um grupo de alunos da mesma escola não aceitava era o fato da menina ser negra, que para eles era inaceitável andar com pessoas brancas, e que uma pessoa negra e feia deveria morrer.

Com o passar dos dias Mckenzie Adms, não aguentou tamanho sofrimento, a ponto de tirar a sua própria vida cometendo suicídio. É triste uma situação dessa para a família da vítima, pois tem certeza que por causa da maldade de pessoas que não tem nenhum sentimento cometem bullying a tal ponto de levar uma criança a tirar a sua vida se enforcando. O depoimento da mãe de Mckenzie Adms diz que a professora foi informada e a direção também, mas nada foi feito para que os provocadores parassem de fazer os horríveis comentários maldosos que diziam assim: “Por que você anda com pessoas brancas? Você é negra, você é feia. Você deveria morrer”.

Escutando essas palavras todos os dias a menina começou a se entristecer, perdeu o gosto e a vontade de fazer o que mais gostava que era brincar e com isso não queria mais ir para a escola, e ficava em casa em silêncio, não queria a companhia de ninguém. A seguir uma figura que mostra a vitalidade de Mckenzie tinha.

Figura 8: Criança que teve o sonho interrompido pelo bullying



Fonte: NETO, 2018.

Quando uma criança começa a perder a vontade de brincar e de sair de casa, é de desconfiar que não está tudo bem com ela, até porque o prazer de ser criança é a liberdade de poder brincar e se divertir sem ter preocupação, tem criança que gosta tanto de brincar e de ir à escola que esquece muitas vezes de comer. E fica claro que se perde o prazer de brincar, perde também a vontade de ser feliz e começa a viver o medo até chegar a cometer suicídio. Fante (2005) enfatiza que:

na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. (FANTE, 2005, p. 16)

O agressor busca se aproveitar das ocasiões de carência e de dependência de vítimas que tenham deficiência física ou intelectual para rir e zombar. É um ato de profunda maldade, onde o amor e a solidariedade não existem. Quem é deficiente não está nessa situação por desejo próprio, mas por obrigação. A falta de acessibilidade não só de fatores físicos, mas de compreensão, dificulta a inclusão dessas pessoas com deficiências na sociedade. No coração de um agressor só existe maldade e um ódio imenso, como mostra na figura 7(sete).

Figura 9: Bullying com deficientes



Fonte: CABRAL, 2019.

De acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no capítulo II DO DIREITO À LIBERDADE, AO RESPEITO E À DIGNIDADE, Art. 15. A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

O respeito as pessoas especiais têm que existir em todos os momentos, todos temos por obrigação aceitar as desigualdades físicas/mentais e ajudar sempre que for necessário, e nunca atrapalhar e humilhar o portador de deficiência, pois, as leis do país deixam bem claro que os direitos e a liberdade são iguais.

Sabemos o que aconteceu em vários países e estamos vendo no Brasil esses desastres acontecerem dentro das escolas. O que acreditávamos ser externo, agora está no nosso meio. Existem casos em que os alunos que foram vítimas de *bullying* saírem da escola devido ao termino do ciclo, e retornarem com um plano organizado de cometer ataques contra as instituições porque ao invés delas terem sido motivo de orgulho e saudade, essas instituições tornaram-se motivo de dor e sofrimento, e para eles a única forma de sanar essa dor é buscando um meio destruir essas pessoas e esses locais.

É lógico que tal pensamento de destruição não irá retirar a dor e o sofrimento dessa vítima, mas na mente e no sentimento de quem passou, é imprescindível não buscar uma forma de sanar com toda dor. Os tipos de ataques são variados, partindo da automutilação, até ataques as instituições.

Antes de falar do exemplo brasileiro, tomamos para fins de ilustração exemplos internacionais. O recente caso do massacre da Santa Fe High School, uma escola localizada no Texas, nos Estados Unidos (EUA) e na Marjory Stoneman Douglas High School, na Flórida (EUA), em 2018. Um adolescente de 17 (dezessete) anos, disparou contra alunos e funcionários na Santa Fe High School, no Texas, em 2018. Esses disparos resultaram na morte de 10 (dez) pessoas, deixando mais outras 10 (dez) feridas. Dimitrios Pagourtzis cometeu o ataque portando uma espingarda e um revólver calibre 38 (trinta e oito) de seu pai, que possuía autorização para porte de armas. As vítimas foram 9 estudantes e um professor (fonte: G1, 2018).

Outra fatalidade, agora em se tratando de Brasil, foi a ocorrida na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro. No ano de 2019, na cidade de Suzano, no Estado de São Paulo. Lá aconteceu um ataque a Escola

Estadual Professor Raul Brasil. O ataque a Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, na grande São Paulo, chocou o Brasil e o mundo. Segundo relatos da polícia, dois jovens entraram no colégio munidos de revólver e uma besta (um tipo de arco-e-flecha disparado por gatilho), matando pelo menos oito pessoas e ferindo outras nove, em seguida cometeram suicídio (fonte: G1, 2019).

Eles estavam arquitetando esse plano de ataque, há certo tempo, pois foram muito frios ao efetivar o que estavam planejando. Um dia após o massacre em Suzano, ocorreu uma tentativa de ataque no sertão da Paraíba, onde uma adolescente publicou nas redes sociais uma foto informando na legenda que iria fazer um massacre a uma determinada escola, mas a polícia conseguiu detectar de onde veio essa publicação e tomou as medidas cabíveis. De acordo com o site PATOSOLINE.COM (2019), o nome da cidade não foi divulgado nos jornais, mas se sabe que isso ocorreu no sertão da Paraíba. A Polícia Civil está investigando os casos de publicações em grupos de WhatsApp, relacionadas a esses tipos de atentados, na busca de poder evitar que episódios trágicos como esses se repitam.

Esse caso recente que arrasou a vida dos pais e dos familiares que tem filhos e parentes próximos estudando em escolas, resgata na memória outros acontecimentos que envolvem escolas e vítimas que morreram inocentes sem poder se defender, como o ataque que resultou em fatalidades foi na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, quando um atirador matou 12 (doze) estudantes e deixou outras 18 (dezoito) pessoas feridas, pessoas essas que viverão com medo, angustiadas e com o psicológico alterado. O atirador se suicidou com um tiro na cabeça (Fonte: G1, 2011).

É importante ressaltar que esses casos de ataques nas escolas estão sendo articulados via internet e redes sociais. Essas ferramentas de inclusão que foram desenvolvidas com a finalidade de ampliar a interação entre as pessoas, acaba sendo uma ponte de contato entre grupos cuja a intenção é aterrorizar as escolas.

Tudo isso nos faz pensar que algo de doente está acontecendo dentro das escolas, que não consegue mais formar cidadãos prontos para exercerem seus deveres e direitos. Além de seres sem humanidade e compaixão, pois na cabeça dos agressores não existe uma perspectiva de perdão por todas as crueldades sofridas, o que a antiga vítima quer é se vingar e cometer o terrorismo tirando vidas de pessoas inocentes que estão dentro das escolas.

Na maioria dos casos depois que matam, os agressores tiram a sua própria vida, talvez seja porque acordam do pesadelo em que estava e se dão conta da tragédia que fizeram e cometem suicídio. Por mais que se tente compreender o que se passa na mente das vítimas, que se tornam possíveis agressores no futuro, não conseguiremos, pois, toda situação de exposição e a vivencia em casa, acreditamos estão atrelados a tais atos.

Depois da necessária discussão teórica e de fatos que exemplificam muito bem o que é o *bullying* e sua necessária abordagem por especialistas e sociedade, passamos ao item da pesquisa que de maneira minuciosa procuramos desenvolver e apresentamos no item metodologia a seguir

5 ENTREVISTAS COM ALUNOS DA EMEIEFPMNPA

As perguntas com os alunos foram em número 7 (sete) e envolveu um número significativo de 50 (cinquenta) alunos do segundo, ao quinto ano.

A primeira pergunta foi: você sabe o que é bullying?

Todos responderam que sim. Tal fato por si só, já demonstra um indicativo de que o problema existe e as crianças se sentem afetadas. Saber que tantas crianças e adolescentes se sentem vítimas também demonstra um outro lado que não é tão negativo. A informação está chegando muito mais rápido porque existe bem mais informação facilitado pelos meios de comunicação. Tvs mostram casos reais como apresentamos no item teórico, mídias sociais também divulgam e as escolas estão atentas sim, não podemos dizer que estão dando resultados

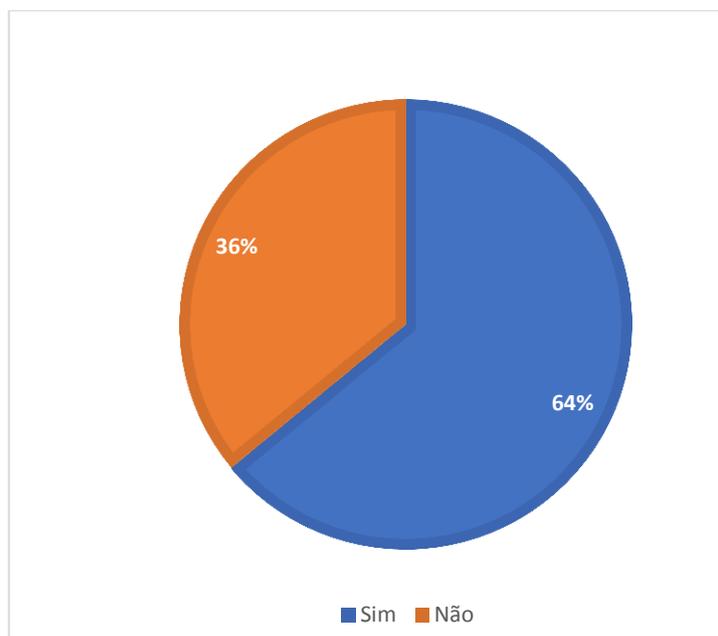
Vejamos um depoimento de uma criança que não se sente incluída:

“me chamam de cabelo de fuá, baleia, irmã da “momo”, cachaceira, macumbeira...”

A criança chora e no final, mas na sua inocência e com vontade de que isto não ocorra mais, afirma que perdoa os agressores. Este fato ocorreu na escola alvo de nossas investigações acadêmicas e notou-se que era um evento comandado por um policial convidado. Talvez o efeito não tenha sido tão adequado, visto que não houve diminuição dos assédios, porque não há continuidade e porque não é uma equipe multidisciplinar que faz tal trabalho diuturnamente, como acreditamos que seria o adequado.

A segunda foi, você já sofreu bullying na escola?

Ao serem indagados se já haviam sofrido bullying na escola, a metade dos alunos afirmaram que sim, como mostra no gráfico abaixo. Verifica-se que de 50 (cinquenta) entrevistados, 32 (trinta e dois) se sente vítima, isto indica que mais de 50% (cinquenta por cento) sofre algum tipo de pressão, com isso, se deduz que a escola para a maioria não é um local de grande paz. Enquanto isso, 18 (dezoito) alunos alegaram que nunca sofreram algum tipo de assédio. Existe algo que precisa ser compreendido, sistematizado e alvo de uma política, a nosso ver, contínua, uma vez que como indicamos nos dados de descrição existem psicólogo, assistente social, e coordenadores na escola.

Gráfico 1: Vítimas de bullying na escola

Fonte: Dados da pesquisa.

A terceira pergunta foi, quais foram os bullyings que você sofreu ou viu algum amigo ou amiga sofrer?

Dos 35 (trinta e cinco) que disseram que sofreram apresentamos alguns exemplos:

Sim, os colegas me apelidavam de “baleia” e etc (criança do 2º ano)

Sim, me chamam de Mônica, dentuça, baixinha, e mais outras coisas. (Criança do 3º ano).

Sim, ainda hoje sofro. Me chamaram de irmã de “mamo”, “fiona”, “cabelo de fuá”, “baleia assassina”, macumbeira e “cachimbeira” e etc (Criança do 4º ano)

Sim, eu tinha um colega de classe que as pessoas ficavam chamando-o de gordo. (Criança do 5º ano.)

Verifica-se analisando os conteúdos das respostas que os adjetivos são sempre pejorativos, numa clara tentativa de depreciação das crianças seja no aspecto estético ou moral. Há um preconceito com religiões. Veja que sempre falam em macumbeira, cachimbeira. Revela-se aqui, talvez que a escola necessite fazer um trabalho relacionado aos diversos tipos de credo religiosos mostrando as diferenças e as aproximações como o amor a Deus. Existem disciplinas que apoiariam grandemente tal trabalho como a história, a literatura.

A quarta pergunta foi, na sua escola existe conversas sobre o bullying?

Sim, que fala e diz que não é certo fazer isso. (Criança do 2º ano)

Sim, que já ouvi muito conversas. (Criança do 3º ano)

Sim, a direção da escola fala muito com os alunos e os pais sobre isso. (Criança do 4º ano)

Sim, e uma vez a conselheira tutelar foi na escola e teve uma conversa com os alunos sobre bullying, e sobre quem prática ele. (Criança do 5º não).

A quinta pergunta foi, seus professores, diretores e supervisores reclamam quando veem o bullying acontecendo?

Sim, e os bagunceiros nem liga. (Criança do 2º ano)

Sim, eles reclamam muito. (Criança do 3º ano)

Sim, quando a professora, diretora e supervisora manda para casa ou chama pra conversar e depois chamam o conselho tutelar. (Criança do 4º ano)

Sim reclamam, pois tem mais que reclamar e repreender mesmo. (Criança do 5º)

A inferência a que chegamos depois de verificar as respostas acima, é a de que na escola existe sim uma consciência do problema e medidas são tomadas, no entanto pela recorrência da problemática, talvez a abordagem deva ser mais incisiva e coordenada por um grupo maior de especialistas, mesmo os fora da instituição, como os pais, juízes das varas da infância e especialistas no assunto específico.

A sexta pergunta foi, você já viu alguém fazer brincadeiras maldosas pela internet com seus amigos da escola?

Não, nunca vi brincadeiras maldosas pelo celular. (Criança do 2º ano)

Não, que vi pela internet, mais pessoalmente vejo mais. (Criança do 3º ano)

Não, nunca vir mais se eu ver falo para professora e a supervisora. (Criança do 4º ano)

Não.eu nunca presenciei, mas sei que a maioria das vezes isso acontece sim. (Criança do 5º ano)

Aqui, há um elemento positivo, pois sabemos que o celular, os computadores, tablets estão sendo de acesso de quase todos, porém pode estar havendo uma interferência positiva dos pais no sentido de controlarem os acessos. É uma hipóteses a partir das respostas, no entanto, só uma pesquisa bem mais sistematizada referindo-se a este aspecto seria capaz de gerar dados conclusivos.

A sétima e última pergunta foi como você se sente em relação ao bullying que sofreu ou que viu um amigo sofrer?

Fico muito triste e vou ajudar. (Criança do 2º ano)

Fico chateado com quem praticou o bullying. (Criança do 3º ano)

Fico triste porque eles se sentem mal e porque cada um é do seu jeito de ser, cada um é do jeito que deus fez! (Criança do 4º ano)

Fico triste demais, pois vejo como uma maldade prejudicial o psicológico fica muito perturbado e conflituoso. (Criança do 5º ano)

Verificou-se neste item que 70% (setenta por cento) responderam que eles reclamam quando acontece o bullying, e os 30% (trinta por cento) falaram que o bullying nem sempre acontece para eles.

E também relataram que se os professores e diretores virem tomam uma atitude, porém a pessoa ofendida não vai dizer o que aconteceu por medo do agressor.

Sim, reclamam e conversa com o aluno que fez tal acontecimento. (Criança do 2º ano)

Sim, elas reclamam e conversam com o aluno. (Criança do 3º ano)

Sim, as vezes elas reclamam e botam de castigo e manda chamar os pais. (Criança do 4º ano)

Sim, porque não é permitido bullying, a escola é para estudar e não arengar com os colegas. (Criança do 5º ano).

Salientamos que escolhemos apenas alguns exemplos dos 50 alunos que responderam aos questionamentos, assim temos um material rico que podem indicar outras variáveis para futuros estudos.

5.1 Questionamentos com professores

A primeira pergunta foi se já haviam presenciado bullying na escola? Todas disseram que já presenciaram bullying na escola. Isto é muito significativo, pois mostra a perfeita consciência de todo o corpo docente do que acontece com os estudantes, no entanto, parece haver uma apatia, uma incapacidade para reação e isto parece nos indicar que a escola não está funcionando de maneira a levar os professores a resolução de problemas interpessoais e de indisciplina dos alunos.

Se pensarmos que os professores, a maioria pelo menos se importa com seus alunos, então temos uma problemática mais complicada para entender e agir: a pergunta seria existe realmente para os professores condições mínimas ou ideias para produção de seu trabalho? As respostas não são difíceis de responder, professores não ganham o suficiente para manterem suas famílias, muitas vezes trabalham em mais de uma escola, eles próprios não tem como nem onde, muitas vezes “desaguarem” seus próprios conflitos.

A segunda pergunta foi, o que elas faziam quando presenciava bullying na escola?

Converso com os envolvidos, os pais dos que praticam e sofrem o bullying, e didaticamente trabalho a temática em sala de aula (Professora do 2º ano).

Primeiramente repreendo a criança que praticou o ato de bullying e em seguida chamo o mesmo em particular para saber o motivo da agressão verbal (Professora do 3º ano).

Pelas respostas (só colocamos um número reduzido que espelha o estante das repostas) podemos deduzir que coincidem com o que os alunos dizem. Ou seja, os professores quando sabem, sobre o acontecido toma as providencias ao seu alcance.

A terceira pergunta foi, o bullying para elas é algo da educação familiar ou da educação escolar?

É de ambos, pois os dois tem que estarem em parceria, para solucionar o problema (Professora do 1º ano).

Em sua maioria o bullying acontece dentro do ambiente escolar, onde as relações desastrosas na família também influenciam diretamente na prática do bullying. Criança que não recebem uma educação familiar que mostre a importância de respeitar o outro na escola se aproximará de grupos intolerantes que acabam provocando situações de violência (Professora do 2º ano).

A quarta pergunta foi, quem influencia o bullying?

As mídias sociais são os principais influenciadores, tendo em vista eu esse é o meio mais usado para disseminar padrões sociais, principalmente os relacionados a beleza e a estética. (Professora do 4º ano)

Vários agentes são influenciadores, desde o comportamento negativo dos pais até a mídia com imposições de padrões acabam por excluir "os diferentes" o que de certa forma motiva a exclusão, opressão e violência no ambiente escolar (Professora do 2º ano).

As professoras acham que as redes sociais e os aplicativos são os principais influenciadores e geradores de bullying demonstrando que estão atentas para o uso indiscriminados das mídias sociais. Também demonstram preocupação com a passividade dos pais em relação ao comportamento dos filhos.

A quinta e última pergunta foi, defina bullying na escola no seu ponto de vista?

Bullying é a prática de atos violentos ou insultos, que denigrem a imagem da pessoa, intencionais e repetitivos, contra alguém indefeso que podem causar danos físicos e psicológicos as vítimas. (Professora do 3º ano)

Bullying, é na minha opinião quando uma pessoa persegue outra e usa de agressões físicas ou verbais para mostrar que não gosta de alguma característica que a vítima tem. (Professora do 4º ano)

Verifica-se nesse aspecto que as professoras estão e são capazes de sistematizarem a ocorrência de *bulliyings* na escola. Parece haver consciência do problema. Até pela boa vontade de responder as questões, pudemos avaliar como algo que elas querem que seja resolvido, mas a vida diária, de tantas obrigações e aflições não as possibilitam criar um ambiente para reflexão e tomadas de decisão em relação a problemática posta.

5.2 Questionamento aplicado a direção

As perguntas feitas a diretora foram as mesmas que foram feitas as professoras e o resultado das suas respostas foram as seguintes. Como todos os integrantes da escola a diretora já presenciou bullying e que fica triste toda vez que acontece um caso desses na escola. E que muitas vezes fica até difícil de tomar uma decisão mais séria com receio de prejudicar a vítima em outros momentos.

A segunda foi O que você faz quando presencia bullying na escola?

Repreendo e procuro mostrar que não é correto essa prática, faço pedir desculpa.

A diretora tenta fazer com que o bullying não se repita na escola e principalmente com o mesmo agressor e com a mesma vítima, muitas vezes um pedido de desculpa pode significar muita coisa.

A terceira pergunta foi você acha que o bullying é algo da educação familiar ou da educação escolar?

Acredito que nem de uma nem de outra, mas que ambas devem combater essa prática que vem causando conflitos nas famílias, nas escolas e na sociedade.

Quando a diretora diz que acredita que ambas educações tem que combater essa prática é porque ela acredita que juntas podem fazer mais por nossas crianças e adolescentes.

A quarta pergunta foi quem influencia o bullying?

Quem tem uma contribuição muito grande e os conceitos de beleza que vem contribuindo para essa prática e o grande avanço da mídia vem sendo um canal para essa propagação danosa.

A quinta pergunta foi defina o que é bullying na escola no seu ponto de vista.

No meu ponto de vista tudo que é diferente dos padrões preestabelecidos é motivo de bullying no ambiente escolar.

No olhar da diretora tudo que é diferente chama atenção seja para o positivo seja para o negativo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que quando o trabalho é feito em condições ideais levando em consideração aspectos sócios afetivos, como amor e harmonia na escola, quando caminha junto: escola, famílias e as autoridades da sociedade civil, se torna mais fácil a vitória e conquista dos objetivos almejados.

Aspectos mais gerais de conclusão demonstram claramente que existe diversidade na sociedade e na escola, seja ela de ideologias, de gênero, de raça e outras tantas e que tem de ser aceita por todos para se cumprir a constituição nossa carta maior que define como sermos um país democrático.

De maneira mais específica sobre nosso trabalho, o que deve ser feito para diminuir o problema no bullying na escola é muito árduo e tem de ser feito através de um projeto com todos os profissionais da educação, com todos os que fazem parte da escola e também com a família dos alunos e os órgãos da educação responsáveis pela relação de convivência pacífica nas escolas. Quando esse trabalho for feito em conjunto, a possibilidade de alcançarmos os objetivos que esperamos ser mais fácil e bem mais prazeroso, pois, com essa união e com a proposta pedagógica vivenciada em sala de aula é mais provável que consigamos diminuir o bullying na escola.

Uma contribuição que nos parece viável seria o desenvolvimento de palestras, distribuição de panfletos nas ruas, por grupos de conscientização nas igrejas, sindicatos, praças enfim lugares públicos no entorno da escola, e a presença de profissionais psicólogos para poder dar auxílio quando ocorrer o bullying na escola, conversando e ajudando a superar as dores que ficam marcadas na mente de cada uma vítima, e mostrando como fazer para diminuir o grande problema que afeta o mundo tentando acabar com os focos espalhados pela escola sempre esclarecendo até onde pode chegar uma pessoa que sofre com violências desnecessárias. Isto é provável que sirva para a diminuição desse horrível e massacrante problema que está afetando muitas vítimas inocentes.

O que temos de fazer é lutar em busca de melhor educação, melhor saúde, melhor alimentação para nossas crianças e adolescentes acreditando que as repostas não vem da boa vontade apenas, mas de decisão política e de um quadro mais promissor que se assentem em plano de cargos e salários para professores e corpo administrativo, melhores condições físicas nas escolas e constantes

aprimoramentos nas reuniões de pais e alunos que não podem servir apenas para diagnosticar problemas e mal rendimentos escolar das crianças e jovens.

De um ponto de vista mais holístico, torna-se salutar o amor, carinho, união e acima de tudo respeito pelos o próximo, e que o ambiente que frequentamos seja confortável para viver bem com a nossa família, e que os pais possam ter empregos para colocar a alimentação básica de cada dia nas mesas e os vícios não tragam discórdias e não acarretem consequências indesejáveis.

Temos de tentar transformar a escola em um ambiente seguro que não traga medo, nem angustias para os nossos alunos e para que isso seja possível, junta-se as demandas da sociedade que clama por mudanças responsáveis colocando em prática as propostas feitas pelos variados profissionais da educação numa intervenção transdisciplinar.

REFERÊNCIAS

BELLIO JUNIOR, Mario Enzo: Bullying: O que tem a ver com a minha família? A conversa pode ajudar a resolver. Curitiba: Edição atualizada- 2017.

BRASIL. [(Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)]. Estatuto da Criança e do Adolescente: lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. – (Série legislação; n. 83).

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais. Brasília. 2006.

CABRAL, Gabriela. Bullying. Mundo Educação. 2019. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/educacao/bullying.htm>>. Acesso em 19 de abril de 2019 às 20:40 h.

CALHAU, Lélío Braga. Bullying: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. 2 ed. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAMARGO, Orson. "Bullying"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>. Acesso em 14 de maio de 2019 às 23:30 h.

CANALTEC. Pesquisa da Intel revela dados sobre cyberbullying no Brasil. 2015. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/comportamento/pesquisa-da-intel-revela-dados-sobre-cyberbullying-no-brasil-46105/>>. Acesso em 17 março de 2019 as 21:20 h.

CARTILHA: CPI DOS MAUS TRATOS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES. Mesa diretora. Brasília. Biênio 2017/2018. P. 39.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia da amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

COUTINHO, Rafael. Bullying – O que Fazer para Evitar. Cultura Mix.Com. 2011. Disponível em: <<http://cultura.culturamix.com/geral/bullying-o-que-fazer-para-evitar>>. Acesso em 19 de abril de 2019 às 22:40 h.

EMPATIA NA ESCOLA. Uma perspectiva preventiva para o bullying. 2019. Disponível em: <<http://empatianaescola.org.br/prevenir-o-bullying/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2019 às 22:48 h.

ENSINO – GUIA DA EDUCAÇÃO. O que é Cyberbullying e como se proteger desta violência. 2019. Disponível em: <<https://canaldoensino.com.br/blog/o-que-e-cyberbullying-e-como-se-proteger-desta-violencia>>. Acessado em 25 de maio de 2019.

FANTE, Cléo. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Versus, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Coleção leitura. São Paulo: Paz e terra. 1996.

G1. Aluno atira dentro de sala de aula e mata 10 pessoas em escola no Texas. 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-investiga-relatos-de-tiros-em-escola-no-texas-diz-tv.ghtml>>. Acesso em 13 de abril de 2019 às 22:25 h.

G1. Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>>. Acesso em 13 de abril de 2019 às 22:00 h.

G1. Massacre em Suzano: o que se sabe até agora. 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2019/03/13/tiros-em-escola-em-suzano-o-que-se-sabe-ate-agora.ghtml>>. Acesso em 14 de abril 2019 às 20:10 h.

GETTY IMAGENS. Cyberbullying: a violência virtual. Nova escola. 2010. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/1530/cyberbullying-a-violencia-virtual>>. Acessado em 20 de maio de 2019 às 22:30 h.

GÓMEZ, Juana Maria Rodríguez. Acoso escolar – Medidas de prevención y actuación. Educação, Porto Alegre, v. 32, n.1, p. 51-58, jan./abr., 2009.

GOOGLE MAPS. EMEIEFPMNPA - Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria das Neves de Paula Arruda. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/place/EMEIEF+PROFESSORA+MARIA+DAS+NEVE+S+DE+PAULA+ARRUDA/@-7.055002,-35.3202256,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7ac51d966d3d48f:0xdda15c86eca0a954!8m2!3d-7.055002!4d-35.3180369>>. Acesso em 17 de abril de 2019 às 20:00 h.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. EDUCAÇÃO. 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao>>. Acesso em 13 de maio de 2019 às 20:55 h.

LEANDRO, Vera Lúcia Damacena. Bullying no ambiente escolar. Pedagogia ao pé da letra. 2018. Disponível em <<https://pedagogiaaopedaletra.com/bullying-no-ambiente-escolar/>>. Acesso em 14 de maio de 2019 às 23:20 h.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying - comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Rio de Janeiro. Vol. 81 nº.5. Porto Alegre Nov. 2005.

LUCCHIARI, Ricardo. Projeto de combate ao bullying nas escolas vai à sanção. Portal CTB. 2018. Disponível em: <<http://portalctb.org.br/site/secretarias-da-ctb-nacional/politicas-educacionais/projeto-de-combate-ao-bullying-nas-escolas-vai-a-sancao>>. Acesso em: 10 de maio de 2019 às 22:40 h.

MELHOR COM SAÚDE. Diego, de 11 anos, suicida-se por bullying na escola. 2018. Disponível em: < <https://melhorcomsaude.com.br/nao-aguento-ir-ao-colegio-diego-11-anos-suicida-bullying-na-escola/> >. Acesso em 20 de abril de 2019 às 23:45 h.

NETO, Gerlane. 'Feia e negra, deveria morrer': menina se suicida após sofrer bullying na escola. Polemica Paraíba. 2018. Disponível em: < <https://www.polemicaparaiba.com.br/internacional/feia-e-negra-deveria-morrer-menina-se-suicida-apos-sofrer-bullying-na-escola/>>. Acesso em 13 de abril de 2019 às 20:00 h.

PATOSOLINE.COM. Adolescente posta foto com arma ameaçando fazer massacre em escola no Sertão da PB. 2019. Disponível em: <<https://www.patosonline.com/noticia/policial/71583/adolescente-posta-foto-com-arma-ameacando-fazer-massacre-em-escola-no-sertao-da-pb>>. Acesso em 14 de abril de 2019 às 22:25 h.

Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]:TIC Kids online Brasil. 2015 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor]. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_ELETRONICO.pdf>. Acesso em 06 de maio de 2019 às 20:30 h.

SIGNIFICADOS. Cyberbullying. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/?s=cyberbullying>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa, Bullying: mentes perigosas nas escolas. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada dez estudantes no Brasil é vítima de bullying. Agencia Brasil. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/um-em-cada-dez-estudantes-no-brasil-e-vitima-frequente-de-bullying>>. Acesso em: 18 de maio de 2019 às 20:25 h.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO A DIREÇÃO**QUESTIONÁRIO DE TCC
QUESTIONÁRIO PARA DIRETORA**

- 1- VOCÊ JÁ PRESENCIOU BULLYING NA SUA ESCOLA?
- 2- O QUE VOCÊ FAZ QUANDO PRESENCIA BULLYING NA ESCOLA?
- 3- VOCÊ ACHA QUE O BULLYING É ALGO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR OU DA EDUCAÇÃO ESCOLAR?
- 4- QUEM INFLUENCIA O BULLYING?
- 5- DEFINA O QUE É BULLYING NA ESCOLA NO SEU PONTO DE VISTA.

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES**QUESTIONÁRIO DE TCC
PARA PROFESSORES**

- 1- VOCÊ JÁ PRESENCIOU BULLYING NA SUA ESCOLA?
- 2- O QUE VOCÊ FAZ QUANDO PRESENCIA BULLYING NA ESCOLA?
- 3- VOCÊ ACHA QUE O BULLYING É ALGO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR OU DA EDUCAÇÃO ESCOLAR?
- 4- QUEM INFLUENCIA O BULLYING?
- 5- DEFINA O QUE É BULLYING NA ESCOLA NO SEU PONTO DE VISTA.

APÊNDICE C: QUESTIONÁRIO APLICADO AO SECRETÁRIO**QUESTIONÁRIO DE TCC
QUESTIONÁRIO PARA SECRETÁRIOS**

- 6- VOCÊ JÁ PRESENCIOU BULLYING NA SUA ESCOLA?
- 7- O QUE VOCÊ FAZ QUANDO PRESENCIA BULLYING NA ESCOLA?
- 8- VOCÊ ACHA QUE O BULLYING É ALGO DA EDUCAÇÃO FAMILIAR OU DA EDUCAÇÃO ESCOLAR?
- 9- QUEM INFLUENCIA O BULLYING?
- 10- DEFINA O QUE É BULLYING NA ESCOLA NO SEU PONTO DE VISTA.

APÊNDICE D: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS**

1) Você sabe o que é bullying?

2) Você já sofreu bullying na escola?

3) Quais foram os bullyings que você sofreu ou viu algum amigo ou amiga sofrer?

4) Na sua escola existe conversas sobre o bullying?

5) Seus professores, diretores e supervisores reclamam quando veem o bullying acontecendo?

APÊNDICE E: CONTINUAÇÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

6) Você já viu alguém fazer brincadeiras maldosas pela internet com seus amigos da escola?

7) Como você se sente em relação ao bullying que sofreu ou que viu um amigo sofrer?

ANEXOS

ANEXO A: AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
"MARIA DAS NEVES DE PAULA ARRUDA" – INEP 25088939

Fundação: 21 de Agosto de 1976

Endereço: Rua Napoleão Laureano, 461 – Centro – Mari-PB

Fone: (83) 3287 – 1458

Email: centroeducacionalmari@gmail.com

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Maria Madalena da Paixão, abaixo assinado, responsável pela Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria das Neves de Paula Arruda, autorizo a realização do estudo Bullying na Escola, a ser conduzido pela pesquisadora Maria da Luz dos Santos Cunha.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Mari-PB, 10 de abril de 2019

Maria Madalena da Paixão
Gestora Escolar

ANEXO B: CARTA DE AUTORIZAÇÃO



Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental
"MARIA DAS NEVES DE PAULA ARRUDA" – INEP 25088939

Fundação: 21 de Agosto de 1976

Endereço: Rua Napoleão Laureano, 461 – Centro – Mari-PB

Fone: (83) 3287 – 1458

Email: centroeducacionalmari@gmail.com

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Madalena da Paixão, Gestora Escolar deste estabelecimento de ensino, tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada Bullying na escola sob responsabilidade da pesquisadora Maria da Luz dos Santos Cunha na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Professora Maria das Neves de Paula Arruda. Para isto, serão disponibilizados a pesquisadora o espaço físico e a realização de entrevista.

Mari-PB, 10 de abril de 2019

Maria Madalena da Paixão

Maria Madalena da Paixão
Gestora Escolar

UNIÃO E TRABALHO